

João Pessoa - Número Zero - Dezembro de 1999

Marx e a religião como ideologia

Edvaldo Carvalho Alves
Sonia M^a C. de Camargo ⁽¹⁾

"A religião é o ópio do povo."
Karl Marx.

1 - INTRODUÇÃO

É deveras conhecida, porém muito pouco compreendida, esta famosa frase retirada de um dos textos do chamado "período de juventude" de Marx ⁽²⁾, texto no qual este grande pensador efetua uma crítica da concepção de Estado e da filosofia do direito de Hegel, que se constituíam em base e estrutura do Estado Alemão do século XIX. É também neste texto, que Marx, de forma poética, formula o seu conceito sobre a religião. Associar a religião a uma substância que faz com que as pessoas entrem em um estado de torpor e percam o fio condutor que as ligam com a realidade, foi a forma encontrada por Marx para, em poucas palavras, definir o efeito e a essência da religião. Com efeito, para Marx, a religião é eminentemente ideologia, isto é, consolação e justificação de uma realidade onde reinam a opressão e a exploração:

"A religião é o suspiro da criatura oprimida, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma".

(Marx, 1989)

Neste pequeno ensaio, buscaremos reconstruir o conceito marxiano de religião, ou seja, a religião enquanto justificação do real, uma realidade invertida, como ideologia. Para tanto, torna-se necessário, antes de desenvolvermos esta idéia, efetuarmos uma rápida passagem pelo conceito marxiano de ideologia e descrevermos, de forma geral, o cenário no qual se encontrava a Alemanha em meados do século XIX.

2 - A ALEMANHA DE MEADOS DO SÉCULO XIX

A Alemanha, ao contrário das principais nações européias da época, não havia ainda efetuado sua unificação, sua situação, neste período, é definida por muitos historiadores como caótica. O despotismo de alguns governantes se fazia presente sobre a nação, que, fragmentada, era submetida a numerosos despotismos de segunda ordem que competiam entre si. Formada pela Áustria e pela Prússia, pelos príncipes-eleitores, por 94 príncipes eclesiásticos, por 102 barões, 40 prelados e 51 cidades imperiais, o país compunha-se de aproximadamente trezentos territórios independentes. O governo central não possuía um único soldado e sua renda chegava, quando muito, a alguns milhares de florins. Não havia jurisdição centralizada, predominava ainda a servidão e a censura era aplicada drasticamente: qualquer leve indicação de tomada de consciência era reprimida com rigor.

No entanto, a poucos quilômetros deste cenário, a situação era completamente diferente. Na França, a revolução tinha abolido a ordem monárquica absolutista, extinguido a servidão e instaurado a sociedade burguesa, e, na Inglaterra, estava se processando a Revolução Industrial.

Será por meio da comparação e da análise dos contrastes existentes entre essas duas nações e a Alemanha que Marx efetuará suas críticas contra o Estado, a política e a filosofia alemã, e entenderá a religião como uma forma de maquiagem do real, instrumento essencial de conservação da ordem social existente, isto é, como ideologia.

2 - O CONCEITO MARXIANO DE IDEOLOGIA

O entendimento da ideologia como visão distorcida e invertida, mas não apenas, das formas como os homens se relacionam com a natureza e com os outros homens para produzir a sua existência, ou seja, sua dependência direta das condições sócio-históricas, foi cunhado por Karl Marx.

Marx não escreveu sobre a ideologia em geral. Sua análise é circunscrita, como vimos acima, a Alemanha da metade do século XIX e é uma crítica a filosofia idealista, principalmente, aos hegelianos de esquerda, e se encontra, principalmente, na sua obra **A Ideologia Alemã**⁽²⁾. No entanto, para entender o fenômeno da ideologia, Marx teve que desvendar o processo de surgimento, amadurecimento e consolidação desse fenômeno. Portanto, mesmo não tendo abordado a ideologia de forma geral, sua análise capta a essência e as principais funções que esta forma de pensamento desempenha na sociedade.

Segundo Marx, a ideologia é o fenômeno pelo qual as idéias e representações que os homens elaboram a respeito de suas realidades são tomadas como sendo o próprio real, ou seja, *"os produtos das cabeças dos homens acabam por se impor a suas próprias cabeças"* (Marx, 1996). É uma forma de conhecimento imediato das relações sociais que não vai além das aparências do real, portanto uma visão superficial, que faz com que tomemos como causas dos fenômenos os seus efeitos, por isso é uma visão invertida da realidade⁽⁴⁾.

Mas, como acontece essa inversão? Quais são os fatores que a possibilitam? E como pode ela ser superada?

Para Marx, o primeiro aspecto que possibilita o surgimento de uma pseudo consciência é a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, é a partir dessa divisão que a consciência pode pretender *"representar realmente algo sem representar algo real"*, ficando em condições de *"entregar-se a criação da teoria, da filosofia, da teologia, da moral etc., 'puras' "* (Marx, 1996). O outro aspecto básico que possibilita o aparecimento da ideologia é a cisão da sociedade em classes sociais antagônicas e em contradição⁽⁵⁾. Contradição esta, que cria a necessidade por parte da classe dominante, para se manter no poder, de apresentar seus interesses particulares como sendo interesses universais. E o mecanismo utilizado para a realização desta verdadeira feitiçaria é a ideologia. Portanto, a principal função da ideologia é justamente fazer com que as pessoas não consigam enxergar e perceber as mediações e contradições que formam a realidade. Com efeito, a ideologia é "justificação", é um instrumento de dominação de classe, que serve para manter um *status quo*.

Sua superação, segundo Marx, só poderia se dar com a transformação da base material que possibilita a sua existência, ou seja, das relações sociais baseadas na lógica da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem, isto é, com a superação do modo de produção capitalista.

4 - A RELIGIÃO COMO IDEOLOGIA

É essa vontade de transformar a realidade social, para que assim o homem conquiste sua autonomia, a força que irá impulsionar toda obra de Marx, e nesta, a crítica da religião enquanto ideologia é o primeiro passo para se conseguir alcançar este fim.

O principal texto onde Marx formula seu conceito de religião é a **Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel**, embora em outras obras ele retome o tema. Segundo Marx, a religião é eminentemente ideologia, é uma justificação e uma forma de consolação, e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica, isto é, a crítica da religião enquanto ideologia leva para além da religião, desvenda as mediações existentes entre o Estado, as classes dominantes e forma de organização social existente. Portanto, a religião seria uma espécie de

véu que encobriria a real configuração das coisas e a crítica religiosa a arma responsável pela retirada deste véu, possibilitando assim, que o homem reconheça que não existe outra realidade a não ser aquela que ele mesmo constrói cotidianamente, por meio de seus atos e que não há nenhum ser "acocorado fora do mundo" regendo seus passos e decisões.

"A crítica colheu nas cadeias as flores imaginárias, não para que o homem suporte as cadeias sem capricho e consolação, mas para que lance fora as cadeias e colha a flor viva. A crítica da religião liberta o homem da ilusão, de modo que pense, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, a fim de que ele gire em torno si mesmo e, assim, à volta do seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira à volta do homem enquanto ele não circula em torno de si próprio."

(Marx, 1989)

A compreensão de que é o próprio homem responsável pela criação e mudança do mundo onde vive, mesmo que este não possua autonomia necessária para individualmente transformar esta realidade, pois a transformação se processa socialmente e de forma coletiva, este aspecto seria para Marx o fundamento da crítica religiosa:

"O homem faz a religião; a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o sentimento de si do homem, que ou não se encontrou ainda ou voltou a perder-se. Mas o homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. E este Estado e esta sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido."

(Marx, 1989)

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é o próprio homem socialmente que cria e dá forma a religião e não o contrário, e esta serve justamente para encobrir, mascarar e justificar uma realidade que precisa ser encoberta. Assim, segundo Marx, a religião é um instrumento que não permite que os homens tomem consciência de sua verdadeira situação, pois faz com que estes passem a se preocupar basicamente com o outro mundo, e encarem a opressão e exploração pelas quais passam aqui neste mundo, como algo natural, como predestinação, vontade divina, "pagamento" de pecados anteriores, expiações que são necessárias para se alcançar o reino de Deus e não como fruto de um processo histórico-social, onde mesmo sem saber, eles são os artífices. Com efeito, ela é ideologia e como tal, necessita ser abolida para que o homem consiga alcançar sua emancipação e autonomia:

"A abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para que abandonem uma situação que necessita de ilusões. A crítica da religião é, pois, em germe a crítica do vale de lágrimas de que a religião é a auréola."

(Marx, 1989)

Podemos concluir, portanto, que a religião como ideologia precisa ser abolida e que essa abolição começa a partir da crítica da religião, que é "em germe a crítica" do Estado, da política, cultura, isto é, da sociedade como um todo - que é sua produtora, pois a religião é eminentemente um fenômeno social. Entretanto, apenas a crítica não tem força para transformar uma realidade, para isso ela precisa se objetivar, adquirir força material e isto acontece por meio da práxis social, ou seja, quando ela é "capaz de se apossar das massas". Assim, a crítica da religião conclui, segundo Marx, "com a doutrina de que o homem é para o homem o ser supremo" e "com o imperativo categórico de derrubar", por meio da práxis social, "todas as condições em que o homem surge como um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível..." (Marx, 1989).

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*.
In: **Manuscritos económicos e filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1996.

7 - NOTAS

1) Alunos do Curso de Ciências Sociais - CCHLA - DCS - UFPb.

2) O texto a que nos referimos é a **Contribuição à crítica da filosofia do Direito de Hegel**.

2) Livro no qual este autor, juntamente com seu colaborador e amigo F. Engels, escreveram com o intuito de "*acertar as contas com suas antigas concepções filosóficas*" e que, como não foi publicado à época em que foi escrito, resolveram deixá-lo a "*crítica roedora dos ratos*".

4) A causa dessa inversão é o próprio processo histórico de vida dos homens e não algum fator subjetivo, intrínseco e natural a estes: "*(...) em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico*" (Marx, 1996).

5) A história segundo Marx, é um processo dialético onde o motor é contradição, não entre as formas de exteriorização e interiorização do espírito como pensava Hegel, mas entre os homens reais no seu processo de produção de sua vida material, isto é, entre as classes sociais, estas entendidas como formas específicas de relação entre os homens e o real.